

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
COM ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

DAYANNA ALVES CAVALCANTI

**O ENSINO REMOTO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA
COVID-19: uma proposta para a Educação do Campo**

**JOÃO PESSOA - PB
2021**

DAYANNA ALVES CAVALCANTI

**O ENSINO REMOTO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA
COVID-19: uma proposta para a educação do campo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marlene Helena de Oliveira
França

**JOÃO PESSOA - PB
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e

C376e Cavalcanti, Dayanna Alves.

O ensino remoto de história em tempos de pandemia da Covid-19:
uma proposta para a educação do campo / Dayanna Alves Cavalcanti. -
João Pessoa, 2021.

41 f.

Orientação: Marlene Helena de Oliveira França.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia com
aprofundamento em Educação do Campo) - UFPB/CE.

1. Educação do campo. 2. Ensino de história. 3. Ensino remoto. I.
França, Marlene Helena de Oliveira. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 376.7(043.2)

Classificação

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

DAYANNA ALVES CAVALCANTI

**O ENSINO REMOTO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA
COVID-19: uma proposta para a educação do campo**

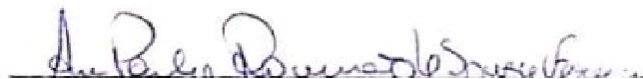
Aprovada em: ____/____/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Orientadora

Marlene Helena de Oliveira França - UFPB



Prof. Convidado

Ana Paula Romão de Souza Ferreira - UFPB



Prof. Convidado

Ricardo de Carvalho Costa - UFPB

Dedico este trabalho a Deus minha fonte de sabedoria para em todos os momentos de minha vida, aos familiares que mesmo longe ou perto contribuíram com o sucesso do meu trabalho, aos meus pais que sempre foram incentivadores de toda essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, que sempre foi base para a conquista de meus objetivos.

Agradecer aos meus pais que me deram direção para continuar sempre e alcançar lugares cada vez mais altos.

Agradecer aos familiares que tiveram a maior paciência do mundo, mesmo nos nossos dias mais estressantes.

Aos meus colegas e amigos que sempre se fizeram presentes nos momentos mais difíceis.

Enfim, agradeço de forma geral a todos que estiveram envolvidos todos esses anos em minha vida e me ajudou incansavelmente.

RESUMO

O ensino de história recorre como uma perspectiva da reconstrução de valores, ela é um mecanismo para tornar realidade os sonhos e as esperanças dos sujeitos do sujeitos. Na perspectiva da Educação do Campo, a história está associada a fatores culturais, políticos e sociais que influenciam a produção do conhecimento, resgatam a formação docente, e as diferentes etapas e processos históricos da atual reforma educacional, como possibilidade de expressão da democracia e gestão emancipatória. Diante do exposto, esta pesquisa tem por objetivo geral investigar como se dá o ensino remoto de história na pandemia, bem como descrever as estratégias utilizadas para a prática, relacionando a educação do campo. Entre os objetivos específicos, relacionamos: descrever o ensino remoto em tempos de pandemia e discutir como uma proposta para a Educação do Campo. A pesquisa pautou-se na revisão bibliográfica, uma vez que o cenário acarretado pela pandemia inviabilizou o contato direto com possíveis participantes da pesquisa ou outra forma de produção e coleta de dados. O intuito desse trabalho é demonstrar que o ensino de História e a luta por uma educação do campo passam pelo enfrentamento dos empecilhos colocado pela escola tradicional, com projetos distantes da realidade do campo. Essas dificuldades, quando derrubadas, simbolizam respeito, organização e valorização dos movimentos sociais. Na pandemia o uso de celulares e computadores foi intensificado com o intuito de conseguir atender a demanda da educação a distancia, não deixando o fogo o ensino apagar. Conclui-se que ensino de história tem a possibilidade de transformar a realidade dos sujeitos e relacionam-se com os princípios educativos defendidos pelos movimentos sociais articulados na luta por uma educação do campo. Com isso, o ensino remoto utiliza a tecnologia para derrubar os empecilhos e fazer acontecer o ensino mesmo em tempos de pandemia.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Ensino de história; Ensino remoto.

ABSTRACT

The teaching of history recurs as a perspective of the reconstruction of values, it is a mechanism to make the dreams and hopes of the subjects' subjects come true. From the perspective of Rural Education, history is associated with cultural, political, and social factors that influence the production of knowledge, rescue teacher training, and the different stages and historical processes of the current educational reform, as a possibility to express democracy and emancipatory management. In view of the above, the general objective of this research is to investigate how the remote teaching of history takes place in the pandemic, as well as to describe the strategies used for the practice, relating the field education. Among the specific objectives, we can list: describe the remote teaching in times of pandemic and discuss it as a proposal for rural education. The research was based on bibliographic review, since the scenario caused by the pandemic made direct contact with possible research participants or any other form of data production and collection unfeasible. The purpose of this work is to demonstrate that the teaching of history and the fight for a rural education go through the confrontation of the obstacles posed by the traditional school, with projects that are far from the reality of the countryside. These difficulties, when overcome, symbolize respect, organization, and valorization of social movements. In the pandemic, the use of cell phones and computers was intensified in order to meet the demand for distance education, not letting the fire of teaching die out. We conclude that history teaching has the possibility of transforming the reality of the subjects and relates to the educational principles defended by the social movements articulated in the struggle for a rural education. Thus, remote teaching uses technology to break down the barriers and make teaching happen even in times of pandemic.

Keywords: Field Education; History Teaching; Remote Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ENSINO REMOTO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS	13
2.1 Ensino Remoto e seus Desafios em face da pandemia	13
2.2 O Ensino de História no Ensino Fundamental – anos iniciais	17
3 EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA	24
4 CONHECIMENTO HISTÓRICO E EDUCAÇÃO DO CAMPO	33
5 MINHAS MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO DO CAMPO	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Em 1837, durante a Regência, surge a História como disciplina no ensino secundário e na fundação do Colégio Pedro II. No mesmo ano, nasceu o Instituto Brasileiro de Geografia Histórica, responsável por estabelecer a genealogia nacional e encontrar a identidade da nação recém-criada. O instituto é uma base de produção histórica, onde era disseminado no ensino fundamental por meio de livros didáticos. Neste momento, a nacionalidade é um grande problema da sociedade, as elites atribuem ao passado o direito de escolha, que é considerado o caminho do progresso humano (CAINELLE, 2006).

Um pouco depois, no ano de 1930, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e a reforma do Ministro Francisco Campos, o poder central do país e o controle da educação foram fortalecidos. Desde então, um modelo de ensino de história foi formado em todo o país, enfatizando o estudo da história geral. Para a educação básica (séries iniciais do ensino fundamental), se discutia a implementação dos chamados estudos sociais nos currículos escolares para substituir história e geografia (BORGES, 2005).

No entanto, é importante ressaltar que o ensino de história não se reduz à memorização de fatos, nem muito menos à informação detalhada sobre os acontecimentos ou ao acúmulo de dados sobre o ambiente em que ocorreram. A história não é apenas uma narrativa de fatos simples, nem é uma homenagem a pessoas memoráveis. Não é um lugar neutro, é um lugar de debate e às vezes de conflito. Este é um campo de pesquisa e produção de conhecimento que está longe de chegar a um consenso, infelizmente. (CAINELLE, 2006).

No ensino de história, o que temos como principal objeto é compreender e explicar várias versões de fatos, não apenas a memorização mecânica. Sem identificar, preservar, compreender ou explicar a fonte e o valor de outros fatos, não pode haver continuidade de tempo consciente, mas apenas as mudanças eternas no ciclo biológico do mundo e das criaturas que nele vivem. O conhecimento da história da civilização é importante porque estabelece a base para o nosso futuro. Permite-nos compreender como as pessoas que viveram antes de nós resolvem os principais problemas humanos (CAINELLE, 2006).

Nessa perspectiva, a história ajuda a formar um conceito entre os alunos de que a realidade é produzida por algum motivo e, mais importante, pode ser alterada ou mantida. Por isso, é importante entender a história como resultado de ações de diferentes. Além disso, é

importante que os alunos entendam que a história humana é a história produzida por todas as pessoas, não o resultado das ações ou pensamentos de algumas pessoas. (BORGES, 2005).

O processo de globalização da economia e da comunicação, a evolução das tecnologias e de uma consciência de mundialização em rede têm provocado mudanças acentuadas na sociedade, impulsionando o nascimento de novos paradigmas, modelos, processos de comunicação educacional e novos cenários de ensino e de aprendizagem digital. Com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência (MOREIRA, 2020).

Somado a essa nova realidade tecnológica, o mundo foi surpreendido pela pandemia do coronavírus. Trata-se de uma doença respiratória causada (síndrome respiratória aguda grave), que teve o seu primeiro caso em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China (MOREIRA, 2020).

Inicialmente, as pessoas pensaram que se tratava de um problema local, mas só em março de 2020, a partir de seus efeitos na Europa e nas Américas, é que se percebeu a gravidade da doença e o alto índice de letalidade do vírus. No Brasil, o primeiro caso foi diagnosticado em fevereiro do mesmo ano. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que se tratava de uma pandemia e o isolamento social foi indicado como a mais eficiente estratégia para enfrentar o vírus, diminuir o ritmo de sua propagação e salvar vidas. As fronteiras entre alguns países foram fechadas, as atividades comerciais, espaços de lazer, escolas e universidades foram suspensas. E tudo mudou radicalmente em nossas vidas (COUTO, 2020).

Neste sentido, é preciso enfatizar, que vivemos em um tempo em que aprender tornou-se um imperativo. Estamos inseridos em uma sociedade de aprendizagem, que se caracteriza pelo cultivo de disciplinas dedicadas a sua aprendizagem. Sujeitos que continuam realizando tarefas de aprendizagem passam a administrar suas vidas como uma empresa, tomando a educação como um investimento em troca de futuro. Os sujeitos da sociedade da aprendizagem devem se tornar sujeitos autofinanciáveis, pois sempre se sentem pressionados a expandir seu aprendizado. Nessa perspectiva, a paralisação do processo escolar pode fragilizar a geração desse compromisso sem fim com a aprendizagem, proporcionando aos alunos uma via de escape (COUTO, 2020).

Nesta etapa, a situação de emergência alienada requer uma resposta eficaz e rápida e medidas para atender às necessidades de emergência. Por exemplo, o planejamento estratégico deve ser objetivo, claro e acionável para reagir rapidamente e propor caminhos e soluções viáveis. Neste caso, a educação a distância é um quadro alternativo, pois permite a utilização de plataformas já disponíveis para fins educacionais, bem como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras. A variabilidade de recursos e estratégias e práticas, definida de acordo com a familiaridade e habilidade do professor com esses recursos. (SARAIVA 2020).

Nesta perspectiva, escolhemos discutir essa problemática de estudo no trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, com ênfase em Educação do Campo, por entender que é urgente e necessário esse debate, sobretudo em tempos pandêmicos. O curso de Pedagogia busca formar professores que estejam em condições de suprir demandas socioculturais, relacionadas ao seu campo de conhecimento e atuação, seja no campo da educação formal, ou dos movimentos sociais. Além de propiciar, aos futuros professores, uma formação abrangente, nas dimensões: cultural, política, epistemológica, ética e estética, que os tornem aptos a desenvolver estratégias educativas e democratizadoras de acesso ao conhecimento, numa perspectiva sócio-histórica. Propõe-se também a qualificar a atuação profissional dos educadores do campo, elevando, assim, o nível de conhecimento dos filhos e filhas dos homens e mulheres camponesas, bem como dos membros das comunidades e assentamentos rurais. Mas, visa atender também, demandas emergenciais e, a pandemia COVID-19 é um claro exemplo.

Deste modo, o educador deve atuar como aquele que cria as possibilidades para a produção do conhecimento, ou a sua construção, por intermédio do estímulo à capacidade crítica do educando, sua curiosidade e insubmissão, ou seja, induzindo a ser protagonista da sua própria história. A partir desta problemática, a pergunta que direciona a pesquisa é a seguinte: Quais as relações do ensino remoto de história com a educação do campo?

Como é notório, o Pedagogo tem várias atuações, entre elas, a promoção da educação, principalmente na Educação do Campo. Desta forma, pretende-se com este estudo, apresentar evidências acerca do ensino remoto de história em tempos de pandemia do covid-19: trazendo uma proposta para educação do campo. Minha vida, mesmo desde do início fora do campo me faz entender que os sujeitos que lá residem precisam de atenção e de uma educação justa e de qualidade, além de tudo que dê base a essas pessoas, possibilitando alcançar vários caminhos diferentes.

Diante do exposto, esta pesquisa tem por objetivo geral investigar como se dá o ensino remoto de história na pandemia, bem como descrever as estratégias utilizadas para a prática, relacionando a educação do campo. Entre os objetivos específicos, relacionamos: descrever o ensino remoto em tempos de pandemia e discutir como uma proposta para a Educação do Campo.

A pesquisa pautou-se na revisão bibliográfica, uma vez que o cenário acarretado pela pandemia inviabilizou o contato direto com possíveis participantes da pesquisa ou outra forma de produção e coleta de dados. O fato dos prováveis sujeitos da pesquisa residirem na zona rural e, em virtude disso, terem dificuldade de acessar as redes sociais, também dificultou contatos por meio de plataformas virtuais.

Com a finalidade de tornar mais didática a discussão, esse trabalho de conclusão de curso, foi estruturado da seguinte forma. No capítulo seguinte a essa introdução, buscamos abordar o ensino da História nos anos iniciais. Dentro dessa discussão, traremos a questão do ensino remoto e seus desafios atuais; o ensino de história no Ensino Fundamental I, como uma proposta para Educação do Campo.

No segundo capítulo, intitulado: o ensino de história nos anos iniciais, onde abordaremos a questão do trabalho da história no ensino fundamental I. No terceiro capítulo, abordaremos a Educação em tempos de Pandemia. No quarto capítulo, iremos fazer uma interligação do conhecimento histórico e Educação do Campo. No quinto capítulo, destrinchar as memórias do escritor do trabalho no seu curso de Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba.

2 O ENSINO REMOTO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS

O desenvolvimento das tecnologias e das redes de comunicação trouxe grandes mudanças para a sociedade, resultando em novos paradigmas, modelos, processos de comunicação educacional e novos cenários de ensino. Porém, ninguém, mesmo os professores que adotaram o ambiente online na prática, não esperava que, devido à disseminação do coronavírus, mudanças tão rápidas e urgentes sejam necessárias e quase obrigatórias. Na verdade, com a chegada repentina do vírus, instituições de ensino e professores são forçadas a adotar práticas de ensino à distância, e as práticas de ensino as distâncias urgentes são completamente diferentes da educação digital online de alta qualidade. Neste capítulo, pretende-se discutir a questão da oferta do ensino remoto e os seus desafios atuais, bem como o ensino de história no ensino fundamental I.

2.1 Ensino remoto e seus desafios atuais em face da pandemia da COVID-19

A crise pandêmica gerada pela COVID-19 abalou todas as estruturas de nossa frágil estrutura social e ampliou ainda mais suas contradições. Novas formas de exploração do trabalho se intensificaram e a desigualdade social, que já é muito urgente na chamada vida normal, aumentou. Nesse amplo quadro de degradação da civilização, as questões educacionais e o sistema educacional obviamente também foram fortemente afetados, especialmente professores, alunos e a academia como um todo, que realizam suas próprias atividades, sendo assim, obrigado a se adaptar a diferentes modelos operacionais, o chamado ensino a distância (BITTENCOURT, 2021).

Sáímos do ambiente educativo presencial para o virtual, tornando o aluno um ser ativo e corresponsável por sua aprendizagem. Nesse sentido, o ensino remoto tem sido uma possibilidade (talvez, a única) para as instituições oferecerem as suas aulas sem o contato presencial nessa época de isolamento social. Essa modalidade considera o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação para realizar atividades síncronas, a exemplo das reuniões em plataformas específicas e assíncronas que tem como exemplo, o uso de mensagens, estudo dirigido, questionários, vídeo aulas, etc. (FEITOSA, 2020).

A tecnologia está intimamente relacionada ao processo de ensino e aprendizagem, mas as dificuldades e desafios enfrentados pelo pessoal relevante devem ser enfatizados. É

possível usar a tecnologia nas atividades escolares, mas os professores devem estar abertos a novas possibilidades de ensino e aprendizagem. Sair de um ensino presencial movido por uma interação física entre público e infraestrutura física disponível e submeter-se ao ensino remoto é um desafio para alunos, professores, gestores e pais. Esses últimos, porque o ensino remoto, afeta diretamente a dinâmica familiar. Nesse caso, é importante que os professores estejam cientes das possibilidades que podem alcançar com o uso da tecnologia digital. Além das disciplinas básicas necessárias, essas tecnologias também devem ter atividades de ensino que possam preparar para a construção do pensamento computacional (FEITOSA, 2020).

[...] como o ensino remoto foi algo inesperado, professores que não estavam familiarizados com metodologias digitais, tais como web conferências e videoaulas, podem apresentar resistências para aceitarem a nova forma de ensinar e aprender devido a dificuldades vivenciadas (MENDES, 2021, p.4).

As tecnologias da informática que integram a rede mundial de computadores, com ilimitadas formas de produção de conhecimentos colocam-nos diante de experiências que auxiliam o desenvolvimento da nossa inteligência. Consequentemente viabilizam uma formação essencial para lidar com os avanços tecnológicos de hoje, bem como, possibilita a compreensão das dificuldades e oportunidades envolvidas em um processo, como relevante para refletir e fazer intervenções que busquem melhorias seja no campo pedagógico ou no campo estrutural (MENDES, 2021).

Sem dúvidas, a tecnologia permite um grande acesso às informações, entretanto, por si só, não promove condições de aprendizagem para aqueles que têm acesso a elas. Nesse caso, é importante ressaltar que embora seja um recurso básico que pode determinar a aprendizagem, também permite as relações de ensino estabelecidas por meio do uso dessas ferramentas digitais. Os professores são provocados a reinventar sua prática pedagógica procurando meios de promover uma educação ativa frente ao desafio do Ensino Remoto. Muitos são os desafios e a mediação pedagógica pode ser considerada uma das principais dificuldades nesse novo modelo de ensino (DUARTE, 2020).

Duarte (2020) conseguiu avaliar em seu estudo, aspectos limitadores/restritivos, no processo de mediação pedagógica, vivenciadas no ensino remoto:

[...] os docentes apontaram como empecilhos: as limitações de acesso à internet de qualidade, alguns aspectos metodológicos para os quais nem os professores nem os estudantes estavam habituados, falta de equipamentos

(computadores, celulares), e o tempo para planejar as aulas. Corroboram grande parte dos entrevistados, ao expressarem que a maior dificuldade é a acessibilidade dos alunos a internet que possibilite participar das aulas, pois nem todos os discentes do país tem acesso à internet ou a equipamentos que suportem os aplicativos utilizados para realização das aulas online. O que faz emergir as desigualdades sociais e diferentes realidades e contextos aos quais nossos alunos estão inseridos (DUARTE, 2020, p.5).

É perceptível que nem todas as pessoas conseguirão o acesso para fazer acompanhamento das aulas online, porém seria viável a criação de medidas para conseguir abarcar essa problemática e consequentemente suprir toda essa demanda necessária, fazendo os indivíduos terem o básico para aulas, por exemplo, celulares e internet de qualidade para suprir induzindo uma maior igualdade nos objetivos do ensino remoto (DUARTE, 2020).

É incontestável que a maioria dos professores e alunos, seja de instituições educacionais públicas ou privadas, é oriunda de modelos tradicionais de ensino e não estava habituada à modalidade remota. Essa mudança de aulas presenciais para aulas virtuais requer do docente, discente e todos os atores envolvidos, um período de adaptação. Nesse passo, um aspecto importante a ser discutido é a motivação e autonomia que essa modalidade de ensino exige do educando, talvez a falta de proatividade dos discentes não seja apenas um reflexo das aulas remotas, tendo em vista o fato de que mesmo nas aulas presenciais o processo ainda é centrado no docente, nos métodos/metodologias e no conteúdo, o que limita a autonomia discente (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

Outro aspecto citado pelo estudo de Duarte (2020) e que merece destaque é a questão do pouco tempo disponível para planejar as aulas e selecionar material. Portanto, mostra que professores que utilizam a tecnologia presencial ou virtual precisam de mais tempo para o planejamento da sala de aula, talvez até porque ainda é uma novidade e um desafio. Ao contrário, embora os professores digam que há pouco tempo para preparar as aulas, a pesquisa também menciona a necessidade de abrir mais cursos gratuitos para que todos possam participar simultaneamente. Em uma perspectiva de oportunizar aprendizagem de forma flexível e virtual, conforme citada por Daudt (2020), os horários foram flexibilizados o que ocasiona um número reduzido de videoconferências.

Nesse caso, a necessidade de realização de mais encontros online pode refletir a prática pedagógica com a qual os professores já estão familiarizados, ou seja, o ensino presencial. Neste caso, o ensino a distância pode, por sua vez, tornar-se uma simples adaptação do modelo de ensino tradicional. Neste modelo, as aulas teóricas do ensino

presencial são eventualmente copiadas e agora mantêm quase a mesma estrutura. O professor é o centro do processo e do transmissor de conteúdo. (DAUDT, 2020). É preciso ter cuidado na transição do ensino presencial para o ensino remoto, que não ocorra simplesmente uma “transferência” de conteúdo. A metodologia precisa ser repensada, a concepção e formato da aula, a interação entre os sujeitos. Enfim, é outra perspectiva de ensino, sobretudo, pelo fato de não estabelecermos praticamente nenhum contato visual.

Além do que, é perceptível que a insegurança com relação à realização das lives: a dúvida de como estão nos vendo e o fato de não ficar à vontade na frente da câmera, além do contato virtual que é um pouco frio, às vezes dá uma sensação que estamos ministrando as aulas sozinhas. Os alunos interagem pouco durante as aulas, diferente do que costuma acontecer com as aulas presenciais. Mas, essa presença é fundamental e os alunos a percebem pela atuação do professor. As relações estabelecidas por meio do desenvolvimento de atividades que envolvam a participação de todos colaboram para a criação de um ambiente acolhedor que favorece o sentimento de pertença ao grupo (DAUDT, 2020).

O ensino a distância representa sérios desafios para professores, alunos e famílias afetadas pela pandemia, pois alguns professores não estão preparados para usar as plataformas digitais, assim como os alunos precisam de tempo para se adaptar a esta nova etapa da educação brasileira que passa por caminhos diferentes. A existência de sistema operacional educacional promove a implementação de funções de ensino e ensino. Professor qualificado. Por fim, a possibilidade de visitas de alunos. E aproveitando esta oportunidade, os pais levam em conta as necessidades de aprendizagem dos filhos, de forma a resolver atividades, garantir conhecimentos, intervir no processo de ensino, então os pais também ficam muito cansados (MARQUES, 2020).

[...] nas instituições de ensino básico, a forma de ensinar mudou abrupta e drasticamente com a implantação do ensino remoto, impondo as mesmas, um novo modelo de ensino até então não conhecido e nunca antes utilizado por docentes do ensino básico regular, com destaque para os estados do Piauí e Maranhão. Nessa situação, a pandemia revelou o quanto é evidente a fragilidade por parte das instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, demandando uma reflexão crítica sobre a inclusão dos discentes e a formação dos professores, uma vez que, o ensinar e aprender é uma tarefa complexa (MARTINS, 2020, p.7).

Diante disso, é procurando entender os impasses do novo modelo educacional contingente, que se torna imprescindível que muitos professores descubram e aprendam o

verdadeiro conceito de ensinar utilizando recursos alheios à sua zona de conforto. Para isso, o professor precisa contar com a contribuição do sistema de ensino no qual está inserido, pois geralmente as limitações impostas pelo momento da COVID-19 contribuem para o não fazer, além de afetar a saúde mental e física dos profissionais docentes que não souberam lidar com as mudanças ocasionadas pela pandemia e por esse novo paradigma de ensino (MARTINS, 2020).

Acompanhando isso, o ensino a distância desenvolvido por profissionais não qualificados ou com baixa formação acadêmica pode ser tão prejudicial e degradante quanto os cursos presenciais que os profissionais do ensino não planejaram com antecedência, principalmente por ampliar a possibilidade de levar em conta o controle remoto do professor em a sala de aula é baixa, o desenvolvimento da aula move e toca os alunos e professores (ZANONA, 2017).

Com esse entendimento, um dos maiores desafios que os educadores enfrentam durante a pandemia é tornar o ensino online atraente para os alunos, permitindo que eles fiquem focados, focados e interativos, principalmente aqueles alunos que têm menos comprometimento, pois a leitura física não é isso terá um impacto como na sala de aula. Em todo o mundo, a estratégia de integração escolar adotada por intermédio das tecnologias de informação e comunicação digital está sendo implantada na educação básica. Mesmo que existam alguns relatórios sobre a gestão e implantação da EAD, é necessário desenvolver e ampliar as redes de EAD em todos os níveis de educação (ARRUDA, 2020).

2.2 O Ensino de História no Ensino Fundamental – anos iniciais

O ensino fundamental tem suas particularidades e com isso, se faz necessário que um profissional qualificado para atuar nesta fase esteja de frente a essa fase no ensino. Infelizmente, algumas escolas particulares compartilham conteúdo do 3º e 4º anos do ensino fundamental, no lugar de um professor de disciplina integrada formado em Pedagogia por professores com formação especial nas áreas do conhecimento. Alunos Graduados em história começam a lutar com séries de crianças no ensino inicial, ou seja, na realidade no ensino fundamental I o viável é que os professores pedagogos atuem desenvolvendo as atividades relativas às mais diversas áreas de conhecimentos (MOREIRA, 2020).

A primeira grande questão que surge neste debate é se é possível para crianças alfabetizadas de primeira série aprender o assunto da história. Porque costuma-se dizer que

crianças têm dificuldade em compreender a história da aprendizagem devido ao conceito de tempo e espaço, o que leva a dificuldade de compreensão da sequência, duração e simultaneidade dos eventos. E a localização espacial desses eventos. As características abstratas do conhecimento histórico tornam difícil para as crianças compreender o que deveria ser imaginado, porque ele não existe mais de forma concreta, ou seja, o passado (PINSKY, 2004).

Ainda segundo Pinsky (2004), mesmo que esses conceitos estejam inicialmente associados ao conceito de progresso, é necessário desenvolver os conceitos de simultaneidade e transformação, partindo da percepção dos alunos de que o tempo mudou e qual o impacto disso na sociedade. Os professores precisam saber ensinar, se você inserir essa escola campesina no espaço que constitui o tempo e o lugar onde ela mora, ela vai fazer uma ponte, incluindo as questões da educação.

Ensinar história para crianças de oito anos significa pensar em como despertar o interesse pela contemporaneidade através do passado que lhe está subjacente. A questão principal é dar à criança possibilidades de dialogar com o passado por meio de vozes e traços que o tempo traz em várias faces. Os professores do ensino fundamental devem parar de tentar trazer os alunos de volta no tempo, como se eles pudessem embarcar em uma máquina do tempo. O professor prova aos alunos que somente quando podemos distinguir seus rostos, palavras e sentimentos presentes, podemos compreender o passado (DA CRUZ, 2016).

Uma das discussões mais importantes hoje, enquanto estamos trabalhando perguntas sobre o ensino de história se relacionam com a aprendizagem história e seleção de conteúdos para o ensino.

Como crianças e adolescentes aprender história? Quais operações cognitivas são necessárias para isso? Aprendendo? Essas questões trazem para o campo da aprendizagem e do ensino história de discussões que envolvem essencialmente retomadas por estudos de história, método e forma de ensinar o quê? Ou seja, isso é a didática da história (DA CRUZ, 2016, p.5).

O ensino de História se baseia em sua ciência de referência e acredita que o aprendizado da história é o ponto de partida e o desenvolvimento do pensamento histórico. A aprendizagem é um processo dinâmico no qual os alunos mudam devido a realizações e ganhos. Na ciência histórica, a história se torna conhecimento consciente ou subjetivo por causa de fatos objetivos e eventos no tempo (CAINELLI, 2012).

Nessa forma de entender, conhecer a história, ou seja, o conteúdo ensinado varia em sentido e forma. A seleção do conteúdo escolar é assumida pelos professores, livros didáticos e manuais de programas com um conceito específico história. As definições de conteúdo escolar histórico também incluem: postulados relacionados ao poder constituído no sentido de definir o que é ensinado em um curso de história são caracterizados principalmente por: disputas pela memória e constituição da nação e seus súditos (CAINELLI, 2012).

O ensino de história é realizado a partir de pesquisas com aprendizagem. Essa disciplina tem como objetivo compreender as relações que os alunos e os professores relacionam-se com o conhecimento. O ensino de história tem um especial interesse em como trabalhar com recursos, estratégias de ensino, materiais de ensino, objetos históricos, inclusão a formação de ideias históricas e consciência histórica dos alunos, e professores (FONSECA, 2003).

[...] trabalhar história requer essas ideias a segunda ordem é levada em consideração no momento aprender, por exemplo, a questão das hipóteses e narrativas. Seu preciso pedir aos alunos que formem hipóteses sobre o conteúdo e desenvolver narrativas orais e escritas sobre as hipóteses. Dentro séries iniciais, o tipo de conhecimento que leva as ideias em consideração secundárias, isto é, pela natureza do enredo, é mais significativo do que isso conceitos substantivos, pois se referem aos procedimentos necessários para: dialogar com o conhecimento histórico, garantindo assim a importância dos conceitos relacionados ao conteúdo, por exemplo: Quando o professor sua classe apresenta ao aluno a história da comunidade, destacando grandes eventos, como data de fundação, primeiros habitantes etc. podemos dizer que funciona apenas com o conteúdo substantivos, mas quando o professor provoca conhecimento com conceitos (FONSECA, 2003, p.6).

Nesse sentido, a escolha do conteúdo da História deve ser: articulado com os objetivos de aprendizagem e as disciplinas que o definem estatuto epistemológico. Uma oportunidade para a criança ser capaz de desenvolver o raciocínio de maneira complexa. Portanto, o desenvolvimento do pensamento histórico seria expressa na forma como cada criança pensa com base no que é importante distinguir as questões históricas do presente que tira conclusões e distingue a disciplina da história de outras formas representam o passado (DE LIMA, 2012).

Estamos inseridos em uma sociedade que se encontra em constante processo de mudança que constrói sua história a cada segundo, fazendo que surja a necessidade de compreender essas transformações. Na educação escolar, os anos iniciais são os mais importantes na vida de uma criança, pois é quando a mesma constituirá sua base de

conhecimento, possibilitando assim seu progresso no percurso de sua vida estudantil (VIEIRA, 2018). Com isso, é importante que a introdução dos conteúdos relativos a disciplinas de história sejam trabalhados de maneira coerente e com profissionais que estejam preparados para atuarem nesta fase, sendo assim, tal área é de suma importância para o desenvolvimento do estudante.

A História é uma disciplina que está inserida na grade curricular e, sendo assim, de acordo com Brodbeck (2012):

[...] seu ensino deve ter como ponto de partida a compreensão da vida cotidiana de cada aluno para que ele possa, pelas experiências, entender a dimensão destas experiências na vida de todos os homens. Dessa forma, cabe ao educador introduzir os conteúdos de modo com que ele perceba que gente como a gente faz história, e que o mesmo como indivíduo social também tem seu papel nesse processo (BRODBECK, 2012, p.4).

A prática pedagógica deve ser baseada nos mais diversos métodos, recursos e caminhos a seguir. De tecnologia, textos, desenhos animados, jogos, filmes, livros, etc., os professores ainda são responsáveis pelo sucesso de aprendizagem significativo dos estudantes (VIEIRA, 2018).

Todas essas estratégias devem ser utilizadas de forma a facilitar o entendimento, induzindo à compreensão que a História pode ser definida como tudo aquilo que o homem produz no decorrer de sua existência, é o produto de suas ações na sociedade. Dessa forma, enquanto seres sociais, podemos dizer que fazemos parte desse processo de forma ativa, pois independentemente de nossas práticas sociais sempre deixaremos vestígios, os mesmos que constituíram uma história (BRODBECK, 2012).

Por isso, chamamo-nos sujeito da história porque a realidade em que vivemos está em constante mudança. Cada um constrói a sua história todos os dias. Ela constitui a história da humanidade. Considerando que compreender o passado ajuda a compreender a história. Mostrar. Partindo desse pressuposto, podemos dizer que a história inclui eventos, objetos, pessoas e até edifícios, ou seja, tudo ao nosso redor pode ser denominado assim, pois cada elemento contribui de forma significativa para sua composição. (VIEIRA, 2018). O Ensino de História nos Anos Iniciais possibilita as crianças o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, fazendo com que estes tenham sua própria maneira de pensar, sua forma de olhar o mundo que o cerca e dar suas opiniões a respeito dos acontecimentos.

Desde a década de 1980, o ensino de história tornou-se uma questão questionável para os profissionais da área porque está relacionado ao processo educacional. A aprendizagem dos alunos muitas vezes não está totalmente desenvolvida porque os professores que ensinam a matéria não receberam formação nesta área, mas têm não recebeu treinamento mais extenso (PEREIRA, 2015).

O motivo da preocupação e discussão por parte desses profissionais de História, em saber como e o que fazer, para que o aluno comece a conhecer a história a partir dos anos iniciais sem que este pareça algo assustador, e sem importância. Percebe-se que o ensino de História é um instrumento necessário e fundamental nos Anos iniciais, pois começa a despertar na criança uma nova forma de pensar e agir, sendo assim a pesquisa partiu dos seguintes problemas pontuados (PEREIRA, 2015).

O ensino de história elementar é um tema, e sua essência traz um sentido muito rico, pois se esse ensino for devidamente ministrado por profissionais que se comprometam a formar cidadãos com sua própria maneira de ver o mundo, pode proporcionar uma transformação, ou melhor, Ele possibilitará que os alunos obtenham um aprendizado importante. Sente gradualmente a evolução da prática de envolver diretamente os alunos em situações específicas de aprendizagem, onde pode demonstrar a sua aprendizagem assumindo uma postura cívica e exprimindo opiniões sobre questões políticas, económicas, sociais e culturais (VIEIRA, 2018).

A História busca compreender a diversas maneiras como homens e mulheres vivem e viveram como pensam e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, nos diferentes tempos e espaços. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como constante processo transformação, um processo que assume formas diferenciadas, produto da ação dos próprios homens. O estudo da História é fundamental para perceber o movimento e a diversidade, possibilitando comparações entre grupos e sociedades nos diversos tempos e espaços. Por isso, a História nos ensina a ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento do mundo em que vivemos e também do mundo em que gostaríamos de viver (FONSECA, 2009, p.51).

O ensino de história é a principal ferramenta para o desenvolvimento e aprendizagem iniciais. Isso desperta nos alunos o desejo de compreender o mundo que os rodeia, abandonar o papel de puros receptores do conhecimento, perceber que são sujeito histórico e sujeito da sua própria história, passar a explicar e interferir na sua própria realidade. A construção do conhecimento permite-lhes desenvolver competências, ideias e atitudes críticas. O ensino de

história nos anos iniciais deve levar em consideração as histórias de vida dos alunos, pois o objetivo do estudo da história local é fazer com que os alunos percebam que fazem parte de sua própria história e que entendam que todos nós somos sujeitos históricos. (ABUD, 2012).

Entender as representações dos professores sobre história passa, necessariamente, por entender a cultura da escola inserida no cotidiano escolar e como nela atuam todos os sujeitos envolvidos, constituindo-se a cultura escolar. Neste sentido, não basta ouvir o que o professor fala a respeito de sua prática, é necessário também olhar para esta prática e tentar estabelecer as possíveis relações entre o que ele constrói enquanto discurso e o que efetiva na prática (DE OLIVEIRA, 2003).

A efetivação na prática está carregada de outros saberes: o saber da experiência, o saber curricular e os saberes pedagógicos. Ao lado das categorias selecionadas nesta pesquisa como principais para se entender o ensino: memória, passado, história, tempo; alia-se outra: o cotidiano escolar (DE OLIVEIRA, 2003).

É nesta perspectiva que analisar como as contribuições historiográficas sobre as diferentes temporalidades têm chegado até aos alunos; como os autores dos livros didáticos têm transposto para o saber escolar essas como estas novas compreensões e se estas contribuições estão favorecendo uma nova visão sobre o que é história; passa obrigatoriamente, pela compreensão do cotidiano escolar, fazendo o ensino de história ser efetivados nos anos iniciais (DE OLIVEIRA, 2003).

3 EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

No início de 2020, somos forçados a um distanciamento social devido a presença de um vírus letal que se espalha traiçoeiramente no mundo todo. Com a necessidade do distanciamento social para diminuir a transmissão do novo Coronavírus, instituições educacionais precisaram suspender as aulas presenciais e grande parte das instituições de ensino deu continuidade aos processos educativos por meio do ensino remoto ou não presencial (MARTINS, 2020).

As mudanças ocorridas no cenário global na área da saúde ecoaram em todos os setores sociais, apareceu na política, economia e, principalmente na educação. Isso foi configurado de dezembro 2019 pela presença de um vírus que causa problemas respiratórios em cidade de Wuhan, na China, este vírus é chamado coronavírus que mais tarde se espalhou pelo mundo. Com o surgimento dessa pandemia em todo o mundo, à volta ao que considerávamos vida normal está bem mais distante (BARRETO; ROCHA, 2020).

As relações sociais foram modificadas e uma nova conduta social emergiu, modificando os comportamentos, as formas de aprendizagem e as relações interpessoais e, conseqüentemente, isso refletiu nas estratégias de ensino. Diante desse cenário, surge a Pedagogia da Pandemia, termo este relacionado à forma como a educação se organiza, a partir desse contexto pandêmico na qual todo o mundo está vivenciando (BARRETO; ROCHA, 2020).

Com base neste panorama pandêmico, e em caso de emergência, resultados usando experiência única de aprendizagem à distância que é uma estratégia implementada por muitas instituições de ensino em todo o mundo, desenvolvendo inúmeras discussões em diversas áreas do conhecimento e diferentes habilidades. Com este método educacional como ponto de partida, é possível por meio de Tecnologias de Informação e Comunicação Digital para dar continuidade dos processos educativos até o retorno das atividades em sala de aula (RAMAL, 2020).

Há duas coisas convenientes a se considerar aqui: a primeira é a utilização de recursos tecnológicos, mesmo em situação de emergência como a que está ocorrendo atualmente. Isso

se mostra como algo polêmico porque esse tipo de ensino é defendido com ênfase nos segmentos que possuem interesse de marketing e, segundo os críticos dessa modalidade, acaba por argumentar que essa estratégia levaria a educação de baixa qualidade, geralmente oferecida às camadas modestas da sociedade. Essa perspectiva traz a preocupação com o alcance de todos os alunos para o processo ensino-aprendizagem (RAMAL, 2020).

Assim, pesquisadores deste grupo apontam que a adoção de práticas pedagógicas: baseado no uso de recursos tecnológicos é mais exclusivo do que inclusivo. Eles acreditam que em um país onde ainda existem muitas desigualdades sociais e econômicas, é importante analisar o contexto histórico e cultural da adoção de práticas mais formativas. Daí a necessidade de reflexão aprofundada sobre este tema para apoiar os caminhos que a educação pode tomar resultante do isolamento social durante a pandemia. Educação em pesquisa para a distância nos tempos do COVID-19 no cenário brasileiro passa a ser então situação de crise, dada à incerteza gerada pelo contexto atual (DA SILVA, 2020).

Por outro lado, é inegável que a presença das tecnologias da informação e da comunicação no cotidiano já havia refletido na educação mesmo antes da pandemia, haja visto o uso pedagógico que estava sendo feito de aplicativos de mensagens e de plataformas de comunicação por vídeos. Então, usar tecnologias da informação para manter a interação com os alunos foi umas das opções viáveis neste contexto de pandemia (FONSECA, 2003, p.33).

Mas que doença esse vírus causa? Por que cessar as aulas? Coronavírus ou o mais conhecido COVID-19, sigla em inglês (doença de coronavírus 2019) é uma doença respiratória causada pelo coronavírus. Em 1937 encontraram os primeiros coronavírus em humanos, mas só recebeu o nome em 1965, em razão de constatarem que o vírus tinha o formato semelhante a uma coroa. Os personagens principais e os sintomas incluem problemas respiratórios, febre, tosse que se parece muito com um resfriado ou pneumonia. Sua transmissão é de pessoa a pessoa. O distanciamento social e a higiene das mãos foram inicialmente as principais estratégias usadas para conter a propagação desta doença (BARRETO; ROCHA, 2020).

O primeiro caso de coronavírus foi descoberto ao final de 2019 em um mercado de frutos do mar e animais na China. Pouco tempo depois, precisamente final de janeiro de 2020 COVID-19, a Organização Mundial da Saúde anunciou que se tratava de uma emergência global de saúde pública. Como o vírus passou a crescer exponencialmente em todo o mundo, e o número de pessoas infectadas também, os países adotaram diversas formas de conter a

disseminação do vírus, iniciando simultaneamente a corrida para a descoberta de vacinas. Com isso, tivemos em novembro de 2020, portanto menos de 1 ano depois da descoberta da doença, o anúncio das primeiras vacinas para conter a contaminação do vírus que nessas alturas, já havia chegado a todos os continentes e todos os países. Atualmente (julho de 2021), temos em todo o mundo mais de 190 milhões de pessoas infectadas e um número alarmante de 4,09 milhões de pessoas mortas. Só no Brasil já são quase 540 mil pessoas que perderam suas vidas, em decorrência da COVID.

Uma das preocupações da Organização Mundial da Saúde é a desigualdade social e econômica. A expansão social causada pela infecção pelo vírus ocorreu principalmente em cidades com saneamento básico precário e falta de informação. Isolamento e distanciamento social foram usados como ferramentas de diminuição do contágio. Porém, diante dessas medidas, o método de prevenção da propagação do vírus, por outro lado fortalece a exclusão, a injustiça e a desigualdade, que aparecem nos aspectos psicossociais e causam outros problemas de saúde (BARRETO; ROCHA, 2020).

Mudanças educacionais resultantes da pandemia Covid-19 trouxeram grandes desafios no Brasil e no mundo. Com a propagação do vírus, os políticos e os gestores tiveram que tomar medidas emergenciais, como suspensão das aulas presenciais. Em todo o mundo, as medidas se aplicam a mais de noventa por cento dos alunos, com o ensino a distância adotada por algumas instituições de ensino via Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Com a elevação tecnológica mundial em diversos contextos sociais, o espaço escolar passou a adotar os recursos tecnológicos como estratégia didática muito antes do cenário pandêmico emergente. Assim, muitas barreiras foram rompidas entre o ensino físico e virtual, criando uma nova linguagem, a educação híbrida (RAMAL, 2020).

A educação híbrida está associada às expectativas que professores e alunos têm sobre se serão capazes de aprender em diferentes momentos e lugares, algo que já é usado como método em ensino à distância, garantindo visibilidade o papel de um aluno que vive em constante conexão dentro e fora do espaço escola (DA SILVA, 2020).

Porém, mesmo diante deste cenário de incertezas, muitos professores, a exemplo do que foi citado acima, tiveram que se adaptar a essa estratégia de ensino mediada pelo uso de tecnologias, com treinamentos incipientes, vistos que se deram de forma não presencial. Essa forma emergencial de atendimento educacional gerou críticas e reflexões acerca das condições de aprendizagens dos alunos, bem como da precarização do trabalho docente (MARTINS, 2020, p.4).

Isso porque, por um lado, é necessário considerar o acesso dos alunos a equipamentos técnicos e pacotes de Internet que possam apoiar a transmissão em sala de aula, por outro, a familiaridade dos professores com a gravação de equipamentos e programas, editar vídeos, etc. A reflexão também envolve uma nova maneira de compreender a relação entre ensino e aprendizagem e focar nos métodos de ensino mais adequados para a nova geração que nasceu em um mundo mediado pela tecnologia. (DA SILVA, 2020).

Portanto, antes mesmo da abordagem proativa se popularizar, pesquisas e práticas nessa área já haviam sido realizadas. Este é um método utilizado na educação nos últimos anos. É um método teórico utilizado no ensino superior, especialmente nas áreas da saúde e da educação, sendo os alunos o centro do ensino e a aprendizagem e os professores os promotores do conhecimento. O estudo enfatiza que a intersecção de métodos ativos em ambientes mistos e a aprendizagem ampliada possibilita o desenvolvimento do mais simples ao mais complexo, especialmente na atual realidade pandêmica (SILVA, 2019).

Um exemplo prático é combinar atividades online e offline por: por meio de vídeos explicativos, aulas teóricas e práticas e jogos educativos (RAMAL, 2020). A partir de então a distância começa a ter grande avanço no Brasil uma modalidade diferente do ensino presencial, na qual ocorre uma separação física entre o docente e o discente, rompendo as fronteiras da sala de aula. Por meio dela, o ensino é mediado através das Tecnologias Digitais da Informação e comunicação (SILVA, 2019).

Em 17 de março de 2020, foi publicada no Diário Oficial da União, por meio da portaria nº 343 a substituição de aulas presenciais no período de 30 ou enquanto ocorresse a pandemia. De acordo com o Art 1º, o MEC resolve:

Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p.01).

Vejamos que a regulamentação claramente libera o uso de recursos tecnológicos. No entanto, esta Portaria levantou questões e debates sobre a situação da educação no país, em particular o impacto sobre alunos, professores e familiares que tiveram que se adaptar num período muito curto à nova realidade escolar. Por sua vez, algumas instituições escolares o

viram como: possibilidade de uso mais intensivo de ferramentas tecnológicas e verificação como os alunos e suas famílias interagiriam com essa nova realidade (DA SILVA, 2020).

Assim, o uso da tecnologia no ensino fundamental proporciona: uma situação em que requer mais atenção porque as instituições não estão preparadas para lidar com este contexto. As escolas precisam se adaptar e desenvolver estratégias de ensino que podem proporcionar ensino e aprendizagem igualmente. No entanto, nos deparamos com o escancaramento de uma clara desigualdade social, pois por um lado encontra-se o aluno de uma rede privada com todo suporte educacional, com acesso a internet, por outro lado, temos um aluno de escola pública que carece de muitos recursos educacional, econômico, social (BARRETO; ROCHA, 2020).

Como a escola está em um estado de isolamento social, precisamos criar soluções alternativas para resolver todos esses problemas, e precisamos pensar em como fazer a sala de aula acontecer em outros espaços e tempos, o que é um grande desafio agora. Ou seja, a sala de aula como a conheceu mudou, precisamos pensar e aprender com outras formas, e temos muitas dúvidas sobre isso (DA SILVA, 2020).

Então, todo planejamento das atividades das aulas não presenciais deve ser realizado pelo grupo de professores, com mediação de um coordenador. Após essa etapa, deve ser enviado para coordenação pedagógica que realizaria a revisão, na sequência outro grupo deveria fazer a formatação e organização das apostilas, iniciando a impressão das mesmas. Tudo com uma finalidade, elaborar um material dinâmico e completo para os estudantes que a partir de então começarão a utilizar:

Documentos em forma de textos, imagens, sons e vídeos, produzindo mudanças sociais e outros hábitos nos quais todos podem ser autores e emissores no compartilhamento de projetos e ideais no modelo todos-todos. Os sites passaram a compor o cotidiano dos internautas, que navegam pelo ciberespaço com movimentos livres, toques e clicks dos mouses, no intermédio harmônico entre os sistemas lineares e não lineares dos espaços de conversas textuais, sonoras e visuais na produção de culturas (PALÚ, 2020, p.8).

Nessa direção, em meio ao desespero e desamparo, é preciso construir espaços em que as pessoas tenham a possibilidade de falar sobre suas experiências, em que questionamentos amplos sejam feitos, em que possibilidades de trocas sejam criadas, e que a construção do inédito viável se realize como o resultado dessa dialética entre o possível e o restrito. Nessa conjuntura, pais, professores e alunos poderão expor suas possibilidades (PALÚ, 2020).

Ainda segundo Palú (2020), neste momento, experiências vividas mostram como exigências descabidas de pais, desmando de governos, impossibilidades socioeconômicas de alunos, falta de formação dos professores, ações guiadas apenas por caráter financeiro. Como exemplo, podemos demonstrar que em algumas instituições criaram contextos adversos, com a justificativa de que pais, alunos, professores, coordenadores, diretores teriam que se adaptar aos “novos tempos”, aos novos formatos de aula. Por outro lado, também há relatos de movimentos em busca de colaboração crítica nos contextos escolares, iniciativas que, em conexão com os pais, definiram ações e formas de atuar durante a pandemia.

Somado a tudo isso, não podemos esquecer de que há uma percepção coletiva das autoridades, gestores e professores de que os educandos não podem parar, para não perder o ano letivo. Então vem a necessidade adaptação e superação por parte de professores e alunos.

O contato com as novas tecnologias – para a Educação Básica presencial emergencial – causou um lugar de entrecruzamento, de intersecção. Tudo o que é novo causa um sentimento de “estranho”. Assustar-se com o “nunca visto” reside no fato de que a maioria dos conhecimentos está fora da gente. Por mais estudioso que um humano seja, por mais que se esforce em aprender, ele sempre será surpreendido pelo desconhecido: nesse momento, a sensação que sentimos, nos conceitos da educação intercultural, é denominada como “estranhamento” (PASINI, 2020, p.4).

Cabe ressaltar, que após a pandemia possivelmente haverá um maior hibridismo da educação presencial com a EAD, pois cada vez mais os professores estarão preparados para o distanciamento, já que há uma possibilidade real de que novas doenças coletivas podem surgir futuramente. Essa probabilidade nunca mais será descartada. A figura a seguir representa algumas ferramentas que podem ser utilizadas durante a pandemia nas aulas do ensino básico no geral, porém quando falamos em ensino fundamental I é necessário adaptá-las.

FIGURA I - relação de programas e aplicativos utilizados para as aulas em tempo de pandemia

NOME	PRINCIPAL UTILIZAÇÃO	FUNCIONALIDADES
Sistema Moodle	Organização da disciplina e de Cursos e aulas On-Line	O programa permite a criação de cursos "on-line", páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem, estando disponível em 75 línguas

		diferentes. A plataforma é gratuita e riquíssima, aceitando vídeos, arquivos diversos.
Google Classroom	Organização da disciplina e de Cursos e aulas On-Line	O Google Sala de aula (Google Classroom) é um serviço grátis para professores e alunos. A turma, depois de conectada, passa a organizar as tarefas online. O programa permite a criação de cursos "on-line", páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem.
YouTube	Transmissão de aulas e repositório de vídeos	Plataforma de compartilhamento de vídeos e de transmissão de conteúdo (ao vivo – “Lives” ou gravados). O docente pode criar o “seu canal” e ser acompanhado pelos discentes, já acostumados com a plataforma.
Facebook	Transmissão de aulas e informações em grupos fechados	Mais destinado ao Ensino Médio e à Educação Superior, o docente pode criar um “Grupo Fechado”, onde ele realiza perguntas iniciais de identificação dos usuários. Nessa plataforma, o docente pode incluir conteúdos e realizar “lives” (aulas on-line), que já ficam automaticamente gravadas.
StreamYard	Transmissão on-line e videoconferência	Estúdio on-line gratuito para lives com um ou mais profissionais. Ele pode ser relacionado ao YouTube ou ao Facebook. Possui uma versão paga, com maiores aplicações, mas a gratuita auxilia nas atividades docentes.
OBS Estúdio	Transmissão on-line e videoconferência	O Open Broadcaster Software, que pode ser traduzido como Software de Transmissão Aberta realiza a mesma atividade que o Stream Yard, mas pode realizar gravação ou transmissão on-line. Ou seja, diferentemente do StreamYard, o docente baixará um aplicativo no seu computador, onde poderá realizar as atividades de transmissão ou gravação.

Google Drive	Armazenamento de arquivos nas nuvens	Além de economizar o espaço do equipamento tecnológico, o Google Drive permite o compartilhamento de arquivos pela internet para os alunos. Por exemplo, após carregar o arquivo para a “nuvem” da internet, o docente pode criar um link compartilhável. Até 15 Gb de memória o Google Drive é gratuito. Excelente ferramenta de criação de arquivos de recuperação.
Google Meet	Videoconferências	Aplicativo para fazer videoconferências on-line, com diversos participantes, até 100 na versão gratuita, tendo o tempo máximo de 60 minutos por reunião, nessa versão. Existe uma versão paga, quando o tempo é livre e a quantidade de participantes aumenta para 250.
Jitsi Meet	Videoconferências	Aplicativo para fazer videoconferências on-line, gratuito, que funciona dentro do Moodle.

**Fon
te:**

PASINI, 2020 (Adaptado).

Todas essas ferramentas estão sendo utilizadas como alternativas para possibilitar a oferta de aulas aos estudantes, principalmente em instituições privadas, devido à possibilidade de quebra de contrato na relação de consumo ao deixar de ofertar o ensino. Como uma das soluções está o ensino remoto, que é online com aulas em tempo real e utilizado em caráter emergencial, enquanto as aulas presenciais estão suspensas, então as instituições tentam aproximar a sala de aula às telas dos celulares e computadores a partir dessas ferramentas (DOS SANTOS, 2020).

No ensino público, grande parte das instituições suspendeu as aulas temporariamente ou aderiu parcialmente a atividades remotas, sendo ainda em caráter experimental sem a necessária infraestrutura e com a maioria dos estudantes que não possui acesso à Internet e equipamentos digitais que permitam acompanhar as atividades. Tanto no ensino público quanto privado, constata-se, em geral, a falta de condições de formação adequada aos professores para adesão a esse formato de ensino, bem como a falta de infraestrutura digital (DOS SANTOS, 2020).

Independentemente do meio utilizado, a educação deverá ser uma potencializadora da esperança humana, capaz de continuar auxiliando para a modificação de condutas, sempre para o bem da sociedade, em busca de nos fazermos sujeitos melhores. Uma crise sanitária é superada, também, por uma maior educação. Os instrumentos tecnológicos estão aí para nos auxiliar e diminuir as distâncias (PASINI, 2020).

O processo de ensino-aprendizagem foi evidenciado no contexto da pandemia, questionamentos sobre como conduzir as aulas tornaram-se o foco das instituições de ensino em todos os países. Na sociedade do conhecimento, as relações interpessoais, educacionais e profissionais são descritas em meio às transformações de ordem política, econômica, social, cultural e histórica. Tais mudanças não podem ser compreendidas como passíveis de serem delimitadas com exatidão, mas mesclam-se na proposição de novas linguagens e formas de interação, inclusive com o conhecimento. Este vem sendo compreendido como um conjunto de saberes que não mais se alojam em determinados campos, mas que dialogam ininterruptamente, promovendo transformações e diferentes modos de ver e analisar os fenômenos humanos. Nesse âmbito em permanente ruptura e reconstrução, têm sido cada vez mais discutidas na área da educação em termos de sua adoção nos meios educacionais e de sua possibilidade de agilizar, facilitar e promover novas leituras de mundo em escolas (DE OLIVEIRA, 2020).

Ao refletir sobre esse contexto, atualmente desafios quanto à docência têm se colocado para efetivação do modelo de aulas remotas, tanto em questões de participação dos alunos, como no acesso uma vez que nem todos os estudantes dependendo do contexto terá condições de arcar com aparelhos tecnológicos e pagamento de internet para conseguir acompanhar as aulas.

4 CONHECIMENTO HISTÓRICO E EDUCAÇÃO DO CAMPO

É preciso conhecer os princípios de luta pela educação do campo desenvolvida pelos movimentos sociais. Suas bandeiras, perspectivas e utopias. A formação política dos colaboradores e a sensibilização do público são apenas alguns dos desafios. Nesse sentido, a produção do conhecimento histórico pode dar um novo sentido às memórias, identidades e histórias vividas por entidades que expressam o desejo de superar a opressão e as diversas barreiras ao analfabetismo, à fome e à falta de projetos de emancipação para o homem e a mulher rural (DOS SANTOS, 2011).

Essa estrutura política historicamente contextualizada facilita a reconstrução do passado, a restauração de memórias e eventos, a restauração de documentos, fontes principais e a criação de uma história crítica. Conhecimento histórico estabelecido em cooperação com alunos, educadores, pais e todos os envolvidos direta ou indiretamente nos movimentos sociais (DOS SANTOS, 2011).

Na produção crítica e coletiva do conhecimento, a construção do conhecimento pode ser analisada juntamente com seu surgimento e partida, seu avanço e seu retrocesso, durante os quais educadores e educandos interagem democraticamente. Portanto, não devemos acreditar em soluções únicas e prontas. Fabricar verdades absolutas e homogêneas, como invalidar os diversos saberes gerados pelos movimentos sociais rurais e pela humanidade como um todo, em diferentes contextos socioculturais, históricos e geográficos, são atitudes repressivas e comprometedoras (GERMINARI, 2016).

O crescente número de debates sobre educação rural em encontros regionais, estaduais e nacionais é fundamental para que os movimentos comunitários possam enfrentar e lidar com as dificuldades de implementação das Diretrizes. Resistência inclui necessariamente valores defendidos em campo, tais como: terreno; Lutar; Trabalho; embelezamento; Cultura; vida; bandeiras; pesquisa; solidariedade e participação coletiva (GERMINARI, 2016).

A solidariedade marca presença na cozinha comunitária, nas marchas, reuniões, atividades, acampamentos e demais áreas de produção de conhecimento. A tarefa é incorporar esses valores e conscientizar os camponeses sobre as desigualdades e a existência de pessoas

despojadas e exploradas que buscam superar essas contradições. A escola deve desempenhar um papel de reflexão político-pedagógica que contribua para a construção de uma realidade mais humana e justa para as diversas populações do campo. Essa participação na construção do próprio destino e na consciência de seus direitos e deveres é sentida de fato pelas entidades que atuam na educação rural (DOS SANTOS, 2011).

Historicamente existem problemas com a construção de projetos de educação rural no Brasil. Percebemos, por exemplo, que contratos a termo despreparam para lidar com o conhecimento da terra, desconhecimento das diferentes realidades de homens e mulheres rurais, preconceitos com o meio rural e baixos salários dificultam as equipes de trabalho com materiais didáticos produzidos. Para um grupo muito específico de destinatários: escolas nas principais metrópoles brasileiras. Além dessa questão fundamental, é importante ressaltar que partes significativas das escolas rurais estão localizadas em locais de difícil acesso, o que dificulta ainda mais o trabalho dos envolvidos com a educação no meio rural, colocando em risco a gestão pedagógica e o acompanhamento de educadores e alunos (DOS SANTOS, 2011, p.12).

A população do Campo está novamente em estado de desespero e gravidade. Seu desejo e direito à educação não foram respeitados. Esses problemas não podem ser vistos como simples, principalmente quando se referem a questões de infraestrutura, a falta de formação especializada dos educadores e as dificuldades de transportá-los para a execução das atividades previstas nos programas. Em geral, as linhas de comunicação da cidade não levam às escolas das aldeias, tornando o cotidiano de educadores e alunos uma verdadeira aventura, com longas caminhadas, mesmo sem comida (GERMINARI, 2016).

Devido à falta de preparo pedagógico, muitos educadores resolvem problemas educacionais, lembrando suas experiências de quando eram alunos. Eles adotam táticas que não aprimoram e contribuem para o treinamento potencial e crítico dos alunos. Também sabemos que outras pressões interferem na organização das escolas rurais, como a má distribuição de terras no Brasil e a excessiva concentração de terras. São aspectos que mostram a enorme injustiça social vivida por milhares de pessoas em todo o país (CAINELLI, 2012).

As bases das relações sociais e de propriedade, historicamente, não foram modificadas, por contarem com o apoio da classe dominante e da bancada ruralista no Congresso Nacional. Na sociedade brasileira, tanto os conhecedores do assunto quanto os

leigos afirmam que a exclusão do direito a terra e à educação do campo vem contribuindo para elevadas distorções sociais e a extrema violência contra o homem e a mulher nos seus diversos movimentos sociais (CAINELLI, 2012).

Esta reflexão histórica foi importante para levarmos em conta que as escolas rurais devem atender às suas múltiplas demandas e aos diversos projetos educacionais defendidos pelos movimentos sociais envolvidos nas Diretrizes Operacionais da Educação Nacional. Parte integrante deste processo de ensino-aprendizagem deve ser a participação coletiva dos educadores e a valorização dos conhecimentos adquiridos na luta pela terra. Assim, nas escolas do Campo, o ensino de história e a relação com a biografia dos alunos tornam-se importantes oportunidades de reflexão, incluindo a discussão sobre, por exemplo, projetos de emancipação política e pedagógica (DOS SANTOS, 2011).

Essas ideias são reforçadas na prática, principalmente quando professores e alunos escrevem suas próprias histórias, contextualizando-as. Além de narrativas e currículos, o ensino de história nas escolas campesinas pode contribuir para subsidiar a elaboração de jornais, recuperação de receitas para o tratamento de doenças, registro de ervas em áreas, vilas, acampamentos e assentamentos, entre outros. Essas atividades pedagógicas podem contribuir para o domínio dos códigos escritos e ampliar a variedade de conhecimentos produzidos pelos sujeitos de uma determinada área. Em busca da educação no país, as marcas de professores e alunos estarão sempre visíveis, engajados na leitura, escrita, cálculo e outras atribuições (GERMINARI, 2016).

A educação do campo, no seu âmbito do ensino da história, deve dialogar com as novas propostas políticas e pedagógicas emancipatórias, as sugestões éticas e o trabalho histórico, evitando métodos que incentivem a memorização, o conformismo e a repetição. A escola rural, com seus sujeitos políticos, contribuirá, assim, para transformar a realidade de educadores e alunos (DOS SANTOS, 2011).

Esses agentes de cidadania serão os sujeitos da história. Eles vão atuar como atores que aprendem por meio de um processo de exploração constante, com idas e vindas, avanços e recuos, não apenas como participantes de projetos conservadores e exclusivos. Assim, aprendem na luta pela educação, reforma agrária e conquista de novos territórios (DOS SANTOS, 2011).

5 MINHAS MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Ingressei no curso de Pedagogia Educação do Campo no ano de 2015 sem conhecer a proposta do Curso e a importância da modalidade Educação do Campo no processo de valorização da identidade dos sujeitos do campo. Uma educação que visa atender as especificidades do sujeito do campo dentro do contexto rural.

A escola campestre invade o modo de vida dos sujeitos do campo. Através de um currículo constituído de linguagens e conhecimentos abstratos, porque distanciados da realidade camponesa, e, além disso, inspirado numa cultura, portanto etnocêntrica, a educação rural desperta o interesse das crianças pela vida, a cultura, os divertimentos e o trabalho, na e da cidade, onde, em tese, estariam ocorrendo o desenvolvimento e o progresso como perspectivas implícitas naquele currículo (RIBEIRO, 2013, p.4).

A minha vivência se contrasta com a realidade do campo, pois sou nascida e criada na cidade, e o que então teria me motivado a ingressar no curso de Pedagogia Educação do Campo? A curiosidade. Sou formada em História desde 2009 e tinha a necessidade de uma segunda graduação, então optei por Pedagogia, mas logo me despertou a curiosidade da modalidade “Pedagogia do campo” então, resolvi arriscar e confesso ter sido uma escolha certa apesar de a minha realidade ser tão distante do campo, mas fui entendendo a dicotomia entre cidade e campo no âmbito educacional e a necessidade de lutar por uma educação digna, gratuita, pública e de qualidade para aqueles que compõem o cenário rural e que vivem do sustento da terra.

Na formação em educação do campo ocorrem tempos/espços de aprendizagem e debate das disciplinas constantes do currículo, realizados em um centro pedagógico em regime de internato, num período que pode se estender de quinze dias a dois meses. Estes tempos/espços se alternam com outros nos quais os educandos desenvolvem, sob a forma de projetos, os conhecimentos aprendidos na escola e aplicados no trabalho com a terra, nas comunidades de origem dos educandos (RIBEIRO, 2013, p.5).

Essa formação é necessária, pois a partir dela conseguimos interferir diretamente nos processos educativos com praticas específicos para os povos do campo, que por tantos anos forma excluídos de uma educação voltada para esses sujeitos.

O Curso Pedagogia Educação do Campo foi de grande relevância para o meu crescimento profissional e pessoal, ampliei meus horizontes na área educacional que era o

meu intuito já que me sentia muito limitada apenas enquanto professora de História, o curso possibilita compreender melhor a dinâmica da educação como um todo, enquanto professora considero de extrema importância esse embasamento da educação para além de sala de aula, pensar na educação como um todo que extrapola também os muros da escola.

Educar para a ação transformadora quer dizer que precisamos de pessoas capazes de articular, com cada vez mais competência, teoria e prática, prática e teoria. Logo, quem não sabe juntar o que estuda na escola ou num curso, com a sua vida cotidiana, com as questões que aparecem no trabalho, na militância, nas relações com as outras pessoas, não pode ser chamado de bem educado e não consegue dar conta dos grandes desafios que temos no contexto social de hoje. Acredito que a valorização do trabalho agrícola, a cultura camponesa, a formação política, entre outros aspectos, são significativos para pensarmos a realidade da educação do campo. Esses saberes podem ser articulados com os conteúdos específicos das disciplinas curriculares, reservando momentos diários para que educadores e educandos discutam seus projetos de vida, suas realidades, lutas e enfrentamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso, buscou investigar a relação do ensino de História no Ensino Fundamental I com as questões da pandemia causada pelo Coronavírus, uma vez que todas as aulas foram interrompidas no Brasil. O ensino fundamental sofreu muito com a interrupção das aulas, pois trabalhar a distância com crianças é uma tarefa que ainda precisa ser mais difundida. Além disso, falar em ensino básico remete também à educação do campo, foco principal deste trabalho. Então, o ensino de história no ensino fundamental em escolas do campo precisou ser adaptado, recorrendo a meios alternativos como o uso da tecnologia para suprir a demanda oriunda do processo educativo.

As crianças constroem narrativas seguindo as experiências familiares e do grupo de convivência. Começam a elaborar conceitos relativos ao mundo onde vivem estabelecendo comparações entre as temporalidades e os espaços vividos e não vividos. Ensinar História para crianças significa pensar como despertar interesses pela contemporaneidade através do passado que a fundamenta. A questão principal é proporcionar à criança possibilidades de dialogar com o passado através das vozes e vestígios que o tempo multifacetado permite. É urgente que o professor do ensino fundamental pare de tentar levar o aluno para o passado, como se fosse possível embarcar em uma máquina do tempo. Cabe ao professor demonstrar aos alunos que conhecer o passado só é possível se conseguimos distinguir seus rostos, falas e sentimentos no presente, utilizando às ferramentas disponíveis, ainda que em meio a pandemia.

A educação do campo tem a possibilidade de transformar a realidade dos sujeitos que nele atuam. Essas lutas relacionam-se com os princípios educativos defendidos pelos movimentos sociais articulados na luta por uma educação do campo.

O ensino de História em tempo de pandemia se dá pelo uso de tecnologias que são utilizadas com interfaces de construções conjuntas, de forma síncrona e assíncrona, potencializando os debates, o pensamento crítico, a criatividade, o fazer em conjunto, as reflexões a respeito da experiência social imposta pela pandemia, a comunicação efetiva e amorosa, o currículo integrado com a realidade dos estudantes, atos de currículo multidisciplinares que reúnam professores, projetos que possam ser realizados para encontrar soluções para problemas contemporâneos e tantas outras discussões necessárias para uma educação de qualidade e que se tornam essenciais à formação do cidadão pronto para lidar com o novo mundo que está por vir, contemplando assim os objetivos do trabalho.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia. O ensino de História nos anos iniciais: como se pensa, como se faz. **Antíteses**, v. 5, n. 10, p. 555-565, 2012.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. “Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19”. Em Rede - **Revista de Educação a Distância**, vol. 7, n. 1, 2020.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas. ROCHA, Daniele Santos. COVID 19 E EDUCAÇÃO: RESISTÊNCIAS, DESAFIOS E (IM) POSSIBILIDADES INSS 2675-1291- DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/encantar.v2.0010>. **Revista Encantar** - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-11, jan./dez. 2020.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Ensino Remoto e extenuação docente. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 227, p. 165-175, 2021.

CAINELLI, Marlene. A escrita da história e os conteúdos ensinados na disciplina de história no ensino fundamental. **Educação e filosofia**, v. 26, n. 51, p. 163-184, 2012.

CIENTÍFICA, Metodologia. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

DA SILVA, Ellery Henrique Barros; DA SILVA NETO, Jerônimo Gregório; DOS SANTOS, Marilde Chaves. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 29-44, 2020.

DAUDT, Luciano. Ferramentas do google sala de aula que vão incrementar sua aula. Disponível em: <https://www.qinetwork.com.br/6-ferramentas-do-google-salade-aulaque-vaoincrementar-sua-aula/>. Acesso em: 13 mai. 2021.

DA CRUZ ALVES, Nathalia et al. Ensino de computação de forma multidisciplinar em disciplinas de história no ensino fundamental—um estudo de caso. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 24, n. 3, p. 31, 2016.

DE LIMA, Thais Nívia et al. **História & ensino de História**. Autêntica, 2013.

DE OLIVEIRA MENEZES, Suzy Kamylla; FRANCISCO, Deise Juliana. Educação em tempos de pandemia: aspectos afetivos e sociais no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 28, p. 985-1012, 2020.

DOS SANTOS Silva, Douglas; ANDRADE, Leane Amaral Paz; DOS SANTOS, Silvana Maria Pantoja. Alternativas de ensino em tempo de pandemia. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e424997177-e424997177, 2020.

DOS SANTOS, Ramofly Bicalho. A EDUCAÇÃO DO CAMPO E O ENSINO DE HISTÓRIA: possibilidades de formação COUNTRYSIDE EDUCATION AND TEACHING OF HISTORY: possibilities of qualification. **PerCursos**, v. 12, n. 1, p. 183-191 183-196, 2011.

DUARTE, Kamille Araújo; MEDEIROS, L. S. Desafios dos docentes: as dificuldades da mediação pedagógica no ensino remoto emergencial. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68292>. Acesso em, v. 23, 2020.

FEITOSA, Murilo Carvalho et al. Ensino Remoto: O que Pensam os Alunos e Professores?. In: **Anais do V Congresso sobre Tecnologias na Educação**. SBC, 2020. p. 60-68.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Papirus Editora, 2003.

GERMINARI, Geyso Dongley. O ensino de história local e formação da consciência histórica: possibilidades para educação do campo. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 18, n. 3, 2016.

MARQUES, Ronualdo. “A resignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da COVID-19”. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, vol. 3, n. 7, 2020.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires “Formação e profissionalização docente”. **Caderno Intersaberes**, vol. 9, n. 17, 2020.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em Tempos de Pandemia no Brasil: Saberesfazeres escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

MOREIRA, J. António; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, p. 351-364, 2020.

PASINI, Carlos Giovani Delevati; CARVALHO, Elvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19 (OSE)**, 2020.

PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. Desafios da educação em tempos de pandemia. **Cruz Alta: Ilustração**, v. 324, 2020.

PEREIRA, Maria Aparecida Batista; BIANCHEZZI, Clarice. O Ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 25, p. 87-102, 2015.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi; KARNAL, Leandro. **Por uma história prazerosa e consequente**. 2004.

RAMAL, Andrea. A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: REALIDADE E DESAFIOS. Disponível em: Acesso em 01 jun. 2020.

RIBEIRO, Marlene. Desafios postos à educação do campo. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 13, n. 50, p. 123-139, 2013.

RODRIGUES, William Costa et al. Metodologia científica. **Faetec/IST. Paracambi**, p. 2-20, 2007.

SANTOS, João Almeida; PARRA FILHO, Domingos. **Metodologia científica**. 2012.

SILVA, Edson Vieira da. **Educação a distância**: uma realidade na formação docente inicial. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, ISSN 2525-8761, v. 5, n. 7, p. 9854-9866 jul. 2019.

VIEIRA, Angélica Catarino. **O ensino da história nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: concepções dos professores sobre a prática em sala de aula. 2018.

ZANONA, Paula Lima. **“Cyberbullying no Brasil e em Portugal”**. In: BLUM, O. (org.). *Direito digital*. São Paulo: Edições LCT, 2017.